

TÂNIA MEINERZ/JC



Professor, crítico literário, escritor e gestor público, Sergius Gonzaga é uma das mentes fundamentais da intelectualidade gaúcha

Aires, Montevideu, Havana ou a uma sala de aula em Porto Alegre. Há prateleiras inteiras reservadas aos mestres, aos amigos, aos alunos e às figuras públicas que passaram pelos projetos que organizou. Quando fala de si, Gonzaga quase sempre começa por puxar outra pessoa ou outros livros.

Nascido em Taquara, Sergius Gonzaga chegou a Porto Alegre no início dos anos 1960 para continuar os estudos. Na Capital, encontrou colegas com quem podia trocar livros e indicações e se apaixonou pela literatura. Ele próprio descreve a transformação com alguma dureza: “Eu cheguei um menino tosco aqui em Porto Alegre”, diz. Professores, amigos e circunstâncias fortuitas foram ampliando seu repertório. Cada indicação funcionava como uma nova passagem. A mesma dinâmica apareceria mais tarde em suas aulas: apresentar um livro, oferecer uma bibliografia e esperar que o estímulo despertasse no aluno uma vontade própria de se aproximar da literatura.

Os livros também serviram para Sergius compreender a política e a cidade. Ainda menino, acompanhou o pai em uma mobilização da Campanha da Legalidade. Já morando em Porto Alegre, testemunhou o ambiente que antecedeu o golpe de 1964 e viu os efeitos da ditadura atingirem a própria família. A experiência política, a formação universitária e a convivência com diferentes gerações de intelectuais compuseram um olhar que nunca separou inteiramente literatura, história e vida pública.

Ao longo da conversa, ele se corrige, volta atrás e avança novamente. Diz que se perde, embora sempre saiba onde as digressões (sempre interessantes) vão chegar. O fio que une as histórias é abastecido pela mesma paixão que orientou sua atividade como professor: a crença de que ensinar literatura não consiste apenas em explicar um texto, mas em demonstrar que se gosta do ato de ensinar, de ler, de contar.

Leia mais na página central

Reportagem Cultural

Uma biblioteca chamada Sergius Gonzaga

Rafael Gloria, especial para JC

O livro estava aberto debaixo da carteira da sala de aula. No antigo Colégio Anchieta, onde ainda havia muitos padres entre os professores durante a década de 1960, o então aluno Sergius Gonzaga tentava ler sem chamar a atenção. Era *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, autor que o adolescente recém-chegado a Porto Alegre acompanhava com entusiasmo: havia ali cor e vida em uma intensidade pouco compatível com a disciplina de um colégio religioso da época. O professor se aproximou por trás e perguntou o que

ele estava lendo. Gonzaga mostrou a capa. “O senhor não sabia que esse autor não é permitido aqui?”, recebeu como resposta.

Foi chamado à direção. A punição veio: três dias de suspensão para que aprendesse a não ler “autores imorais”. O castigo produziu o efeito contrário. Longe das aulas, o estudante ganhou exatamente o que precisava para avançar pelas centenas de páginas do romance. “Tudo o que eu queria era tempo para ler”, recorda. Mais de seis décadas depois, a história ainda o diverte. Também parece conter um elemento importante de sua trajetória: a literatura

como descoberta.

É difícil não falar de Sergius Gonzaga quando se fala em cultura na cidade de Porto Alegre. Professor de literatura, crítico, editor, gestor público e agitador cultural, ele ajudou a formar gerações de leitores em colégios, cursos pré-vestibulares e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), onde atuou como professor no Instituto de Letras, até 2023. Participou da criação do famoso pré-vestibular Unificado e do Colégio Leonardo da Vinci, dirigiu a Editora da Ufrgs, esteve à frente do Instituto Estadual do Livro e comandou a Secretaria Municipal da Cultura de

Porto Alegre. Criou ainda projetos de formação, jornais, cursos, festivais e espaços de debate que aproximaram estudantes de escritores, cineastas, músicos, intelectuais e personagens da vida política brasileira.

Atualmente, ele é coordenador do Livro e Literatura de Porto Alegre, um cargo importante que ajuda a manter a memória da cidade. Aliás, durante as mais de três horas de conversa para a escrita deste texto, a extensa memória de Gonzaga se revela como uma biblioteca. Um volume puxa o seguinte; uma dedicatória devolve um encontro; um autor conduz a Buenos



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Transformação inesquecível

Mudando de pele é o outro espetáculo assinado pela diretora Yara de Novaes, presente no Porto Alegre em Cena de 2026, a partir do texto da jovem dramaturga britânica, de origem africana, Amanda Wilkin: na verdade, a tradução de Diego Teza não é exatamente uma tradução, e sim, uma transmediação, contando para tanto com a dramaturgista Nathalia Cruz, que resultou extraordinariamente bem. O texto foi descoberto pela atriz Taís Araújo, que vive a personagem-título, Mayah, uma relativamente jovem mulher resistente a todas as regras mas que, ao mesmo tempo, se revela extremamente insegura.

É a jornada desta personagem que o espetáculo de cerca de hora e meia acompanha, num trabalho que teve a criativa, sensível e inteligente intervenção da direção, trazendo para seu interior as musicistas Dani Nega e Layla, que participam, simultaneamente, enquanto trilha sonora da narrativa e também como comentaristas e coadjuvantes da personagem, em várias das suas ações - aliás, ambas extraordinárias e que valorizam, dinamicamente, a linha da direção do trabalho.

O enredo segue a jornada de descobrimento e autoconsciência da Mayah, que reparte seu espaço com uma militante nonagenária jamaicana, Mildred, que gradualmente se torna mentora da personagem, em contraponto com a jovem colega Kemi, que, ao invés de se atormentar e refletir angustiadamente sobre seus atos, simplesmente decide e faz, do mesmo modo que a velha já fez - ou seja, o desafio de Mayah é parar de pensar e se decidir por fazer. Isso é o que está implicitamente colocado no texto - ao menos no texto do espetáculo brasileiro, tal como o temos aqui: entre o passado do que Mildred já realizou e o presente improvisado de Kemi, Mayah deve escolher por uma ação consciente e revolucionária, ao menos para ela, porque a revelará para si mesma. Daí que a encenação é um rito de passagem: à medida em que Mayah se desfaz das roupas artificiais e chega quase à pele, na cor do *colant* com que se encerra o espetáculo, vai encontrando sua essência. A cenografia

de André Cortez ajuda muito em todo este movimento que é, de um lado, íntimo, mas também um movimento que ocorre em cena, um espaço que não traz um cenário tradicional, mas apresenta lugares que vão sendo gradualmente enfrentados e transformados pela personagem.

Vencedor do Verity Bargate Award de 2020, estreando em 2021 no Soho, o título original da peça alude à queda dos pelos, neste caso, à queda da pele. De fato, Mayah vai se distanciando das aparências para encontrar a essência: a referência de Mildred é central, mas a decisão de Kemi também tem forte peso sobre ela. Neste sentido, Mayah reúne as qualidades de ambas as mulheres e as introjeta, incorporando uma outra figura: ela mesma. *Mudando de pele* (tradução literal de *Shedding a skin*) é também a metáfora de um momento que todos vivemos: a necessidade de tomar decisões entre situações e experiências variadas

para chegarmos à definição de nós mesmos.

Taís Araújo é - mas está - especialmente soberba nesta interpretação, sobretudo porque se coloca com simplicidade e naturalidade. Suas falas são tão profundamente sinceras e verdadeiras que não parecem advir do trabalho de uma atriz

que deve decorar o texto para depois repeti-lo (o termo inglês "repetition" para ensaio bem indica o que precisa ser feito). O célebre diretor do Teatro de Moscou sempre insistiu em que a intérprete precisa encontrar correspondências entre o que sente a personagem e a experiência dela, atriz, para transformar isso tudo numa ação naturalmente realista, quer dizer, sincera. Taís Araújo evidencia isso à saciedade. Por isso, o espetáculo, que começa com uma narrativa auto-rememorativa semelhante a um cantochão, vai ganhando ritmo crescente. Amanda Wilkin mostra, não apenas ser uma excelente observadora de seu entorno, quanto saber transformar esta observação em palavras que guiem a ação dramática. A cena final é apoteótica, mesmo sem ser épica: é a vitória da personagem sobre seus medos, é a afirmação da personagem enquanto ser humano, é uma transformação inesquecível.

Mudando de Pele é a metáfora de algo que todos vivemos: a necessidade de tomar decisões para definir a nós mesmos



Segundo ex-beatle, Linda McCartney e filhos foram fundamentais para superar o fim da banda

Paul McCartney relembra colapso mental após fim dos Beatles

Paul McCartney, 84, comparou o fim dos Beatles a ser demitido do único emprego que teve na vida. O cantor relembrou o período difícil após a separação da banda, em 1970, e contou que passou a beber enquanto tentava descobrir como seguir a carreira sem John Lennon, George Harrison e Ringo Starr.

"O que você faz depois dos Beatles? Os Beatles terminaram, esse foi o único trabalho que você teve e, então, você não o tem mais. É como se tivesse sido demitido", disse. A declaração foi dada em uma conversa com o diretor Judd Apatow após uma exibição especial do documentário *Paul McCartney: Man on the Run*, em Los Angeles.

Ao ouvir que aquele período parecia uma espécie de colapso mental, McCartney concordou. "Eu comecei a beber. Estava sozinho na Escócia, com uma pequena família recém-formada. Ninguém ia me re-preender por beber demais", afirmou. "Foi muito divertido até deixar de ser."

O ex-Beatle contou que os filhos e Linda McCartney, com quem foi casado

até a morte dela, em 1998, tiveram papel importante para que ele deixasse aquela fase para trás. Foi também ao lado da mulher que o músico começou a construir um novo caminho profissional e, em 1971, formou a banda Wings, que ficou em atividade até 1981.

A ideia de começar outro grupo musical, porém, trouxe um dilema. McCartney não queria simplesmente repetir o trabalho que havia feito com os Beatles e, no início, se recusava até a incluir músicas do antigo grupo em seus shows. "Ficar sozinho foi muito assustador, porque eu sempre tive a união do grupo. Mas aí eu tive que descobrir como faria isso e tornar diferente."

McCartney também falou sobre as desavenças com John Lennon após a separação da banda. Apesar das críticas públicas e das provocações que trocaram na época, afirmou que o carinho pelo antigo parceiro nunca mudou. "Eu amava John, amo até hoje e sempre vou amar. Não importava, como não importou, o que ele dissesse ou fizesse, porque eu o conhecia desde os 15 anos", afirmou.

CCMQ recebe mural cinético inspirado em Mario Quintana

A Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) recebe, nesta sexta-feira, às 11h, a apresentação da obra *Eu, Passarinho*, pintura cinética de Claudio Ramires instalada no Jardim Lutzenberger, no 5º andar do prédio, com entrada gratuita. A instalação, formada por 60 perfis de alumínio com 120 faces pintadas, muda de imagem conforme o espectador se movimenta, revelando o poeta Mario Quintana e, em seguida, um sabiá-laranjeira. A obra também conta com um recurso interativo batizado de Poesia

Aumentada, que, via QR Code, dá acesso a uma seleção de 120 poemas do escritor. A viabilização é do Banrisul, patrocinador da CCMQ.

A obra reúne 120 faces, uma para cada ano entre o nascimento de Quintana, em 1906, e 2026, quando completaria 120 anos, e exigiu mais de um ano de dedicação do artista, com cálculos estruturais iniciados em novembro de 2025. Claudio Ramires já teve trabalhos exibidos em Hamburgo, Andorra e na sede da Unesco, em Paris.

fique ligado

Todas as mortes de Julio Conte no Renascença

O espetáculo Todas as Minhas Mortes, escrito e encenado por Julio Conte, com direção de Marcelo Restori, retorna em cartaz de 3 a 11 de outubro no Teatro Renascença (Erico Veríssimo, 307). As sessões acontecem às sextas e sábados, às 20h, e aos domingos, às 18h. O solo de auto ficção evoca as figuras de Sísifo, Édipo e Hamlet para tratar da paternidade e do luto, com texto original inspirado livremente em *Hamlet*, de William Shakespeare. Os ingressos custam entre R\$ 45,00 e R\$ 90,00 pelo Sympla ou na bilheteria, uma hora antes de cada apresentação.

A peça estreou em agosto no Teatro Simões Lopes Neto, com boa recepção de crítica e público, e integrou a programação do



FÁBIO BERRIEL/DIVULGAÇÃO/JC

Peça *Todas as Minhas Mortes* faz referências a Sísifo, Édipo e Hamlet

Porto Alegre em Cena 2026. A encenação expõe a estrutura cênica, com varas de luz e maquinários

à vista, em uma proposta que radicaliza a experiência do luto em cena.

Os Garotin traz a turnê *Força da Juventude* ao Araújo Vianna

O trio carioca Os Garotin se apresenta no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), neste sábado, às 21h, com a turnê do disco *Força da Juventude*. No show, o grupo formado por Anchietyx, Cupertino e Leo Guima mistura faixas recentes a canções marcantes de sua trajetória, como *Se joga*, *Simples assim*, *Zero a Cem* e *Calor do momento*, transitando por ritmos como R&B, soul,

MPB e pop. Ingressos entre R\$ 70,00 e R\$ 360,00 pelo Sympla.

Originários de São Gonçalo (RJ), os músicos lançaram o primeiro EP, *Os Garotin Session*, em 2023. Em 2024, venceram o Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Pop em Língua Portuguesa com *Os Garotin de São Gonçalo*. O álbum mais recente reúne participações de Marina Sena, Liniker e Lenine.



MATEUS AGUIAR/DIVULGAÇÃO/JC

Vencedor do Grammy Latino, trio carioca toca em Porto Alegre no sábado

Festival discute conexões entre cinema e IA

O OMNI Brasil AUSTRAL, edição latino-americana do OMNI International AI Film Festival, acontece neste sábado, das 14h30min às 19h30min, no Instituto Ling (João Caetano, 440), reunindo exibição de curtas-metragens, palestras e debates sobre

cinema feito com Inteligência Artificial generativa.

A programação inclui palestra jurídica da advogada Camila Galvão, sobre direitos autorais e uso de imagem em produções com IA, e a palestra *Tempos Modernos*, do diretor de cena Lucas

Fogs, além de painel com o cofundador do festival, o australiano Aryeh Sternberg, e o diretor criativo Felipe Galvão, produtor executivo da edição brasileira. O evento é apresentado pela agência Escala e a inscrição custa R\$ 120,00 pelo Sympla.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 02 DE OUTUBRO

🕒 **19h** - Cantora Cristal convida Pâmela Amaro para homenagem a Horacina Corrêa no show *Epifania - O Legado*. No Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 40,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.

🕒 **19h** - *Listening party* do álbum *Bar do Pança*, da banda Fumaça Urbana, no Gangorra Bar (Gastão Rhodes, 39). Entrada gratuita.

🕒 **20h** - Goethe-Institut (Rua 24 de Outubro, 112) recebe espetáculo *3 Sinais*, encenado em língua de sinais com oralização em português. Ingressos via Sympla. Repete sábado, 20h.

🕒 **20h** - Peça *O Menino que Devorou o Mar* é adaptação para autobiografia de Reinaldo Arena. No Estúdio Stravaganza (Olinto de Oliveira, 68). R\$ 60,00 no Sympla. Repete sábado (20h) e domingo (19h).

🕒 **20h** - Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820) recebe o espetáculo *Sambas de Protesto*, que une canções autorais e clássicos do gênero a partir de temáticas sociais, raciais, religiosas e políticas. Entre R\$ 15,00 e R\$ 60,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Cantautor argentino Gabo Sequeira leva sua trova urbana ao Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Antecipados a R\$ 30,00 em cafefonfon.com.br; na hora, R\$ 40,00.

🕒 **21h** - Igor Prado, Yuri Prado e Luciano Leães celebram os 25 anos da Prado Brothers Band, explorando o blues e a *black american music*. No Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R\$ 40,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Comediante Fernando Pedrosa apresenta espetáculo *Xaveca a Plateia e Bebe Vinho* no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 50,00 no site Uhuu e na bilheteria do teatro.

🕒 **21h** - Yanto Laitano e Solon Fishbone trazem o *Especial Charly García e Fito Páez*, revisitando clássicos do rock argentino, ao Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R\$ 40,00 pelo Tri.RS.

🕒 **21h30min** - Diego Lopes e Os Dínamos apresentam *Rockshow - Um Tributo a Paul McCartney*, no A Palo Seco (Travessa dos Venezianos, 25). R\$ 20,00 na hora.

🕒 **22h** - Festa-show Let's Get Rocked com o rock autoral de Entre Mentz, Sterna Peyote, Matéria Plástica, A Ordem Inversa, Sol de Ícaro e Catamarã ao Clube Glória (Lima e Silva, 426). R\$ 35,00 no Tri.RS.

🕒 **23h** - Funkeira MC Carol de Niterói se apresenta na festa Giro, no Fuga (Álvaro Chaves, 91). Últimos ingressos a R\$ 70,00 pelo Sympla.

SÁBADO, 03 DE OUTUBRO

🕒 **Das 11h às 18h** - Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736) recebe a Feira 60+ com mulheres empreendedoras, produtos autorais e atividades sobre longevidade e autocuidado. Gratuito.

🕒 **11h** - Gravura Galeria de Arte (Corte Real, 647) promove conversa com artistas visuais Anico Herskovits, Miriam Tolpolar, Suzel Neubarth e Fernanda Soares, conectada à exposição *Entre Matrizes - Impressões Compartilhadas*. Entrada gratuita.

🕒 **13h30min** - Concertos Capitólio traz *Pedro e o Lobo* (Guará), adaptação da obra de Prokofiev para o contexto do interior sul-rio-grandense. Na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085). Entrada franca.

🕒 **15h** - Última visita guiada e palestra técnica sobre conservação do mural *A Conquista do Espaço*, de Aldo Locatelli, no antigo Aeroporto Salgado Filho. Com acessibilidade física, visual e auditiva. Gratuito, com inscrições em jutonini.com.br/visitacao-aldo-locatelli.

🕒 **16h** - Edson Drago Bernd e Tales Melati unem forças no recital *Poema Rúnico*, ligado à tradição oral anglo-saxônica. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). R\$ 40,00 em cafefonfon.com.br.

🕒 **17h** - Crítico literário Luiz Mauricio Azevedo promove bate-papo com Luís Augusto Fischer, em lançamento da nova edição de *Estética e Raça - Ensaios sobre a literatura negra*. Na Livraria Baleia (Andradas, 351). Entrada franca.

🕒 **19h** - Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1089), recebe o espetáculo solo *Dia de Yerra - Um Certo Édipo*, sobre memória, homossexualidade e gauchismo. Entrada franca, com retirada de ingressos uma hora antes no local. Repete domingo, 19h.

DOMINGO, 04 DE OUTUBRO

🕒 **18h** - Em *Iluminações: Carlos Gomes e Britten*, a Orquestra Theatro São Pedro usa a voz como ponte para aproximar dois compositores distintos. Regência de Evandro Matté. No Theatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). R\$ 20,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.

reportagem cultural

De Taquara para Porto Alegre

Rafael Gloria*

Quando se mudou para Porto Alegre para continuar os estudos, em 1963, Sergius Gonzaga foi morar com os avós maternos. “A Auxiliadora ainda era um bairro de classe média, cercado pelos casarões do Moinhos de Vento, da Independência e do Centro”, conta.

A literatura já estava presente em sua vida, embora a casa da família, em Taquara, não tivesse uma biblioteca extensa. A mãe, professora, gostava especialmente de poesia e costumava recitar poemas. Entre os livros disponíveis estava uma coleção do Tesouro da Juventude, que o menino leu e releu. O pai, comerciante e vereador do antigo PTB, assinava o Correio do Povo, mas não tinha o hábito de acompanhar o jornal. “Eu é que lia”, conta.

A mudança para Porto Alegre começou com um pequeno desencontro. Gonzaga chegou convencido de que bastava procurar o Colégio Júlio de Castilhos e fazer a matrícula. Só depois descobriu que o ingresso dependia de um exame de admissão, já realizado naquele ano. O pai acabou matriculando-o no Colégio Rosário. No ano seguinte,

transferiu-se para o antigo Anchieta. Foi ali que formou algumas amizades que atravessariam as décadas e encontrou colegas com quem podia compartilhar livros e indicações. “Comecei a ler freneticamente. Tinha sempre algum colega que estava lendo um livro. A leitura era um hábito mais comum nessa época”, recorda.

Em 1961, dois anos antes da mudança, Gonzaga acompanhou o pai, que foi vereador em Taquara, em um evento na Praça da Matriz durante a Campanha da Legalidade. “É uma impressão forte até hoje. Eu me lembro do local completamente lotado, multidões, muita gente.”

A experiência de 1964 seria diferente. Sergius acompanhou uma mobilização diante da Prefeitura de Porto Alegre e recorda o momento em que o então prefeito Sereno Chaise pediu para que os apoiadores do governo João Goulart voltassem para casa. Uma imagem permaneceu: “Até hoje lembro essa cena: sentado numa sarjeta, um sargento do Exército. Ele chorava, mas chorava copiosamente.”

No mesmo ano, o pai foi preso e permaneceu alguns meses

detido em Porto Alegre. Sergius relaciona a prisão à resistência de integrantes do PTB ao golpe. Segundo ele, enquanto Brizola defendia a ocupação de quartéis, um grupo de vereadores decidiu ocupar a prefeitura de Taquara, seu pai entre eles. A mobilização terminou dois dias depois. “Já o tempo amainou tudo, né? Mas é duro ver teu pai preso.”

A prisão agravou as dificuldades econômicas da família. “Eu tive que estudar num colégio público. Não tinha mais dinheiro, não tinha mais condições de pagar”. Foi encaminhado ao Colégio Dom João Becker, no IAPI, onde passou a estudar à noite.

A mudança também representou o encontro com outros tipos de leitores. Um colega apresentou-lhe Georg Lukács, Stendhal e Balzac. “Para mim, foi muito importante”, reconhece. O amigo também o ajudou a superar a resistência a Graciliano Ramos. Acostumado ao colorido de Jorge Amado, Sergius estranhava “aquele mundo áspero, contido, aquele estilo seco”, mas aprendeu a valorizar a importância da literatura do alagoano. O próximo passo seria entrar na graduação.



Professor cursou Jornalismo, História e Direito até apaixonar-se por Letras

Ensinar a paixão pela literatura

Sergius Gonzaga chegou à universidade sem uma definição muito clara sobre a profissão a seguir. Na Ufrgs, começou simultaneamente os cursos de Jornalismo e História. “Na época você podia fazer dois cursos. Fiz um ano só de cada um”, recorda. Nenhum dos dois, naquele momento, correspondeu às suas expectativas.

Ele tentou também a Faculdade de Direito. “No ano seguinte, a pedido do meu pai, que queria um doutor na família, fui fazer Direito e, de novo, fiz duas faculdades, pois comecei Letras também.” Foi nesse segundo caminho que seguiu e encontrou alguns dos professores mais importantes de sua formação.

Um deles era Ângelo Ricci, italiano que participou da criação do curso de Letras da Ufrgs. Sergius o descreve como um professor organizado, rigoroso e de vasto conhecimento. “Era rígido, mas com enorme cultura clássica ocidental em termos de teoria da literatura. Eu aprendi muita coisa. Ele conhecia a fundo Platão, Aristóteles, teóricos da Idade Média, teóricos do Renascimento.”

Dionísio de Oliveira Toledo, discípulo de Ricci, tinha um estilo diferente. Suas aulas eram desordenadas, movidas por associações, leituras e entusiasmos repentinos. “Era o contrário do mestre, mas um sujeito extremamente vivo, apaixonado pela literatura, com uma grande leitura. Um caos criativo”, define.

Gonzaga lembra um episódio curioso da época. “As cadeiras eram anuais e não semestrais. Então eles deram uma lista de 42 livros de teoria, dos quais eu acho que só uns dois ou três tinham em português. Tudo era em espanhol e francês”, recorda. A dificuldade não funcionou como impedimento. “A teoria da

literatura reprovava um terço dos alunos. Se não lê... E aquilo me apaixonou”, diz.

A docência começou antes mesmo da conclusão da graduação. Ele deu aulas em cursos populares, colégios, pré-vestibulares e, mais tarde, em instituições como o Colégio Israelita, a FAPA e a Ufrgs. O rigor dos estudos, contudo, não o transformou no tipo de pesquisador que costuma construir a carreira em torno de títulos, publicações e procedimentos universitários. “Eu nunca consegui me tornar um acadêmico *stricto sensu*”, admite. A burocracia e o carreirismo da universidade o aborreciam.

Gonzaga conta que só levou adiante o doutorado, finalizado em 2018, porque Regina Zilberman, amiga e colega na Ufrgs, “pressionou-o” a enfrentar o processo. O tema escolhido foi a literatura latino-americana, que o acompanhava desde as primeiras idas a Buenos Aires. A primeira delas aconteceu em 1967, em uma jornada de ônibus que, segundo Sergius, durava 32 horas. “Todo ano eu ia para lá e trazia livros”, diz. Ele leu Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes e Mario Vargas Llosa quando a expressão ‘boom latino-americano’ ainda começava a circular.

O professor permaneceu em sala de aula no Instituto de Letras da Ufrgs até 2023. Ao falar do período em que lecionava, no entanto, sua preocupação principal não era exibir o vasto repertório adquirido ao longo de sua trajetória. Para definir o que entende por ensino de literatura, Sergius recorda uma frase que o acompanha desde a juventude, do escritor argentino Jorge Luis Borges: “A frase dizia: ‘Eu não quero ensinar literatura inglesa, eu quero ensinar o amor pela literatura inglesa’”.



Recém-chegado à Capital, Sergius Gonzaga cresceu em meio à agitação política e intelectual dos anos 1960 na cidade

Movimentando a cultura da cidade

As aulas em cursos pré-vestibulares fizeram de Sergius Gonzaga um professor e agitador cultural conhecido em Porto Alegre. No final de 1977, ele participou da criação do pré-vestibular Unificado ao lado do irmão Régis Gonzaga e de outros professores que haviam deixado o curso Mauá. “A ideia era fundar um cursinho diferente”, recorda. Nos primeiros anos, procurou construir um espaço em que os estudantes pudessem ter contato com temas que não cabiam nas aulas regulares.

A iniciativa recebeu o nome de Projeto Cultural Unificado. A programação previa palestras e a exibição de um filme por semana. As sessões aconteciam aos sábados no antigo Cine Coral, na rua 24 de Outubro. Depois das exibições, o público permanecia para a conversa. “Também trazíamos, quando possível, os diretores para o debate.” Quando os realizadores não podiam comparecer, professores e convidados conduziam a discussão. Foi nesse período que Sergius conheceu cineastas como Cacá Diegues, Fábio Barreto e Arnaldo Jabor.

Em outras ocasiões, os convidados falavam sobre economia, literatura, história, cinema e os

rumos da abertura democrática. A lista mencionada por Sergius inclui Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Carlos Prestes, Darcy Ribeiro, Bibi Ferreira, Henfil, Jaguar, Tarso de Castro e Paulinho da Viola.

Em uma dessas atividades, no início dos anos 1980, o tema foi a tortura durante a ditadura. “Foi muito marcante”, recorda. Sergius convidou Índio Vargas, que havia sido torturado pela ditadura militar, e Jarbas Lima, político ligado à Arena. Segundo ele, Lima se declarou contrário à tortura durante o encontro, realizado diante de um público numeroso.

O período final da ditadura facilitava a participação de algumas dessas personalidades. “Era uma época muito fácil de arrumar palestrante, porque, como ainda havia censura, como ainda havia, digamos assim, formas de repressão na imprensa, então às vezes eles não tinham espaço. Então, era um lugar em que eles poderiam falar”, avalia.

Uma das histórias mais lembradas por Gonzaga envolve Fernando Sabino. Os dois se encontraram por acaso na Feira do Livro. Sergius não conhecia pessoalmente o escritor, mas contou



Sergius Gonzaga foi um dos criadores do curso pré-vestibular Unificado

que daria, naquela mesma noite, uma aula sobre sua obra, então incluída entre as leituras do vestibular. “Eu vou junto”, respondeu Sabino.

Antes de entrar na sala, o escritor fez um pedido. “Deixa que eu dou minha aula, mas me apresenta como um crítico literário do Rio de Janeiro.” Ninguém o reconheceu. Diante dos estudantes,

Sabino começou a atacar a própria obra: “Esse Fernando Sabino eu conheço bem. É um vagabundo, copia livros de outros autores.” Um aluno que conhecia os livros levantou-se para contestar o visitante. Gonzaga então interrompeu a encenação. “Eles não acreditaram, acharam que era uma montagem, era uma mentira”, recorda.

Para ele, a reação dizia muito

sobre aquele período: “Foi uma experiência muito interessante, porque os jovens estavam muito curiosos, ávidos por informação e conhecimento.”

O interesse dos alunos também levou Gonzaga a abrir uma pequena livraria chamada Quarup. Instalada na Praça Dom Feliciano, a loja era voltada principalmente ao público jovem. “Tinha como característica vender livros para este público juvenil que queria coleção *Primeiros Passos*, coleção *Tudo é História*.” Ele também viajava a Buenos Aires e Montevideu para trazer obras de autores hispano-americanos. A livraria durou cerca de dois anos, mas se transformou em ponto de encontro. “Ali tive frequentadores ilustres. Júlio Conte era o meu cliente permanente”, recorda.

No mesmo período, Sergius criou o jornal cultural *Já*. A publicação pretendia estabelecer um diálogo com a produção intelectual da América Latina e chegou a receber colaborações estrangeiras. “O Galeano nos mandou uns dois, três artigos.” O jornal depois passou para Elmar Bones, e se tornou um periódico voltado à cobertura de Porto Alegre. Mais tarde, no início dos anos 1990, ainda foi um dos professores que fundou o agora tradicional Colégio Leonardo da Vinci. Ao avaliar, não esconde o orgulho: “Acho que foi uma experiência radicalmente positiva”.

O gestor entra em cena

A carreira universitária na Ufrgs incluiu uma experiência de dez anos na Editora da instituição. Gonzaga afirma ter participado da publicação de aproximadamente 280 títulos, entre edições e reedições. “Para uma editora universitária é muito. Dá uma média de quase 30 livros por ano.”

Entre as obras, menciona um livro de Moacyr Scliar sobre história da medicina e títulos de Nelson Werneck Sodré. “Era um general marxista, uma coisa meio... Só no Brasil. E era um grande historiador”, comenta. Também negociou uma publicação com Mario Benedetti, a quem visitou em Montevideu. O projeto foi autorizado, mas não concluído.

Em 2005, o então prefeito José Fogaça convidou-o para assumir a Secretaria Municipal da Cultura. Gonzaga permaneceu no cargo durante as administrações de Fogaça e José Fortunati, até 2012.

“Eu tinha sido amigo dele. Ele ganhou e eu fui lá. Primeiro eu não queria”, recorda. Antes de aceitar, apresentou uma condição: queria liberdade para trabalhar com artistas e intelectuais ligados a outros partidos. “Como é que eu faço com pessoas que eu admiro e que são militantes do PT na área cultural? Eu quero fazer show com o Bebeto Alves, eu quero fazer show com o Totonho Villeroy, com o Nelson Coelho de Castro”, diz. A resposta de Fogaça foi positiva. Para Gonzaga, essa liberdade foi decisiva.

Na Secretaria, transportou à administração municipal a experiência em salas de aula, editoras e projetos culturais. Reconhece que não realizava o trabalho sozinho. “Eu tinha uma subsecretária, uma equipe de primeira linha”, aponta.

A intensidade também aparece na escrita. Sergius conta que sua tese sobre o *boom* latino-americano recebeu três propostas de

publicação, mas ainda não chegou às livrarias. O perfeccionismo se manifesta na reescrita. “Eu sei que escrevo bem, porque aprendi a custo, porque eu escrevo dez, vinte, trinta vezes a mesma coisa.”

Em 2023, Sergius deixou as salas da Ufrgs. Afirma que foi atingido pela aposentadoria compulsória e não quis permanecer. Mas a saída não encerrou sua atuação cultural. Cursos, palestras, festivais e projetos continuaram colocando-o diante de autores e públicos.

Agora, perto dos 80 anos, que completa em 2027, é a própria trajetória que começa a ser tratada como um livro possível. “A minha esposa já falou com o meu filho, Pedro, para fazer um livro”, conta. A ideia ainda lhe causa desconforto. “Pode ser até falsa modéstia, mas sou uma pessoa que não fala muito das minhas coisas. Me sinto desconfortável com qualquer tipo de elogio”, afirma.

Para ler Sergius Gonzaga

Uma seleção de livros escritos ou organizados por Sergius Gonzaga, reunindo crítica literária, crônica, ensaio e antologias



► **Curso de Literatura Brasileira (autoria - Leitura XXI, 7ª edição revista):** Um panorama de cinco séculos de literatura brasileira, com apresentação de períodos, autores e obras centrais.

► **Josué Guimarães: escrever é um ato de amor (autoria - Instituto Estadual do Livro - 2ª edição, 2006):** Um volume dedicado à trajetória e à obra do escritor gaúcho Josué Guimarães.

► **Cronistas do Câmera 2 (com Luiz Coronel e Voltaire Schilling - Tchê, 1989):** Reunião de crônicas produzidas para o programa Câmera 2, da TV Guaíba.

► **RS: Cultura & Ideologia (organização com José Hildebrando Dacanal - Mercado Aberto, 1980):** Coletânea de ensaios sobre a formação cultural e as construções ideológicas do Rio Grande do Sul.

► **Contos do Amor Jovem (organização e seleção com João Armando Nicotti e Pedro Gonzaga - Leitura XXI, 2003 - 2ª edição, 2006):** Antologia que reúne autores brasileiros e estrangeiros em torno das diferentes manifestações do amor juvenil.

► **Contos da Vida Social (organização e seleção com João Armando Nicotti e Pedro Gonzaga - Leitura XXI, 2005):** Antologia de narrativas sobre conflitos, dilemas e contradições da vida em sociedade.



Rafael Gloria é jornalista, mestre em comunicação (Ufrgs), mestrando em Escrita Criativa (Pucrs) e diretor executivo da Associação Cultural Nonada Jornalismo

nas telas



Galinha Pintadinha - O Filme traz para as telonas a personagem consagrada no YouTube

Muitas aventuras na Vila de Galinhas

A Popó mais famosa do Brasil volta às telonas neste final de semana em grande estilo, marcando uma nova fase na franquia *Galinha Pintadinha*. Em animação 3D, desenvolvida pelo estúdio gaúcho Hype Animation, *Galinha Pintadinha - O Filme* acompanha a Galinha e o Galo Carijó na expectativa pelo nascimento do primeiro filho. Uma cegonha atrapalhada, contu-

do, troca os ovos, e o Pintinho Amarelinho acaba no ninho do temido Gavião das montanhas. Com a Galinha falando pela primeira vez, a trama do longa aborda com sensibilidade temas como a maternidade, o medo e a aceitação. Uma aventura inédita, recheada de músicas e novos personagens, pensada para encantar toda a família no Mês das Crianças.

Clássico de Kurosawa de volta ao cinema

Obra-prima do mestre Akira Kurosawa e uma das inspirações para a adaptação de *A Odisseia* por Christopher Nolan, o épico *Ran* retorna às telonas em exibição especial na Cinemateca Paulo Amorim. A trama adapta o clássico *Rei Lear*, de Shakespeare, para o Japão feudal do século XVI: ao envelhecer, o temido senhor da guerra Hidetora Ichimonji decide dividir seus domínios entre os três filhos, desencadeando uma espiral

devastadora de ambição, paranoia e trações familiares. Em japonês, *ran* significa caos -- sentimento que transborda em cena por meio de batalhas monumentais e um uso magistral das cores, onde cada plano funciona como uma pintura viva. Inegável espetáculo visual, o longa de Kurosawa também é um retrato doloroso sobre a loucura, o remorso e as ruínas de um império construído pelo sangue.

Curtas-metragens de animação tchecos

A Tchecoslováquia vai se espremer para caber dentro das quatro paredes rosas da Cinemateca Capitólio. A Sessão Vagalume traz para a casa neste fim de semana três curtas-metragens clássicos de animação tchecoslovacos, produzidos para crianças nas décadas de 1940 e 1950. Serão projetadas as obras *Rei da Lavra*, de Karel Zeman, adaptação do famoso poema satírico de Karel Havlíček Borovský e que utiliza bonecos em uma técnica de *stop-motion*; *A Ca-*

bana de Pão e Gengibre, de Bretislav Pojar, versão para as telas de um conto de fadas sobre crianças perdidas na floresta; e *O Moinho do Diabo*, de Jirí Trnka, a aventura de um veterano que derrota o demônio que se instalou num velho moinho. As sessões integram a mostra LiteraKino, um grande panorama de filmes que promovem o diálogo entre a literatura e o cinema. Ingressos a R\$ 10,00 (inteira) e R\$ 5,00 (meia-entrada), na bilheteria do local.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

A última fila de uma tropa em marcha		O herói da Terra do Nunca (Lit.)	"(?) e Filhos", romance de Turguêniev			Posição do time de basquete		Série de comandos do Word
			Rio sagrado dos hindus					Representação fictícia do cliente ideal de um negócio
(?) Maiden, banda inglesa de metal		Diz-se do parente como o cunhado				Pisar na (?): dar um fora		
				Arma como a "katana" dos samurais				
Chocou (o veículo)		Apêndices dotados de ventosas, no polvo			Crença não fundamentada na razão			
					Porta, em inglês		A forma do sifão	
					Reflexão acústica		Deus, em italiano	
O resultado que causa surpresa			Vogal temática da terceira conjugação		Músico dos EUA, ganhador do Nobel de Literatura de 2016			
Lugar de meditação no Carnaval	Empecilho				Pertencente ao gênero de serpentes da jiboia			
			Critério de identificação da voz		Sentimento exaltado na poesia romântica		A 2ª nota musical	Lance adverso do destino (fig.)
Material genético que ajuda na elucidação de crimes			Berílio (símbolo)					
Variedade de uva					Valor desprezado pelo anarquista			
						Todos, em inglês	Ondas Tropicais (abrev.)	
Carruagem de dois assentos			"Falso", na resposta de testes			Sua esposa foi transformada em uma estátua de sal (Bíb.)		
Creme para retirar as células mortas da pele								

BANCO 3/all — dio. 4/door — iron. 6/callega. 7/persona.

5

ASSINE COQUETEL E SE DIVIRTA ONDE ESTIVER!

Receba suas revistas favoritas no conforto da sua casa.









Assine aqui
sem pagar nada!

>>> WWW.ASSINECOQUETEL.COM.BR

Siga a gente nas redes sociais:

 coquetel
 editoraCoquetel



Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Os impulsos amorosos e passionais tornam-se ainda mais fortes. Inspiração para fazer conquistas, e não somente no amor, mas colocando toda a criatividade para funcionar.

Touro: Momento adequado para mudar o ritmo de sua rotina e de ser mais atuante no meio familiar. A inspiração favorece gestos ousados e particularmente acertados neste dia.

Gêmeos: Marte inspirado pelo místico netuno coloca você em contato com a sensibilidade mais sutil e seus sentimentos se expandem para além do egoísmo.

Câncer: As ambições materiais tornam-se mais pujantes. Você pode ir com tudo para cima das metas financeiras que colocou para si. Mesmo em meio a um momento de restrições.

Leão: Ideais espirituais tomam conta de sua mente e você se vê disposto(a) a enfrentar tudo o que vier em nome desses ideais. A fé é o sentimento mais nobre que pode sentir hoje.

Virgem: Abra-se a novas formas de participação. Os processos de cura e regeneração física e psíquica estão beneficiados. Você pode mergulhar fundo e sair plenamente renovado(a).

Libra: Os sentimentos para com alguns amigos especiais são fortes e fascinantes. É como se não pudesse viver sem eles e uma união se soldasse para todo o sempre.

♏ Escorpião: Certas necessidades práticas são boas impulsionadoras para batalhar por conquistas profissionais. Não receie agir em nome de suas ambições maiores e mais nobres.

 **Sagitário:** No amor, nem sempre o que você imagina é a realidade. Mas, agindo decididamente para isso, poderá vir a se tornar realidade dia para batalhar por seus amores e desejos.

Capricórnio: Marte inspirado por netuno é impulsionado para se abrir à intimidade com a pessoa amada. Coisa rara, você se dispõe a confiar e a ser acolhido pelos outros.

Aquário: As relações humanas são iluminadas por conversas e pensamentos capazes de revelar toda a profundidade do que elas contêm. Você se aproxima mais da pessoa amada.

Peixes: A ambição material deve impulsionar as ações no trabalho. Nada de timidez ou receio neste momento. Atire-se sobre as conquistas materiais que pretende obter.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Vidas, mortes, cultura e memória dos cemitérios

Hoje, mais do que antes, poucos vão a cemitérios e poucos de nós somos lembrados após a morte. A consagrada e premiada escritora argentina Mariana Enriquez, autora dos romances *Nossa parte de noite* (Prêmio Heráldo de Novela, 2019) e *Esse é o mar* e de coletâneas de contos como *Um lugar ensolarado para gente sombria*, todos publicados no Brasil pela Editora Intrínseca, acaba de lançar *Alguém caminha sobre o seu túmulo* (Editora Intrínseca, 376 pág, R\$ 89,90), obra que se originou da fascinação que a autora tem, desde muito jovem, pela beleza assombrosa dos cemitérios.

Mariana viajou por cemitérios famosos e historicamente ricos das Américas do Sul e do Norte, Europa e Austrália. O Montparnasse de Paris, o Highgate em Londres e o antigo Cemitério Judaico em Praga são alguns que aparecem ao lado de outros escondidos, dilapidados, remotos e

secretamente belos.

Mariana descreve e analisa túmulos de famosos como Elvis Presley (Memphis) e Karl Marx (Londres) e sepulturas de anônimos de várias idades, bem como aponta epitáfios extravagantes, esculturas melancólicas, anjos sensuais, vestígios de vodu em Nova Orleans, criptas góticas, catacumbas, esqueletos, vampiros, fantasmas e uma infinidade de lendas.

Utilizando técnicas jornalísticas ao incorporar depoimentos de coveiros, guardas, visitantes, historiadores e moradores, Mariana constrói uma narrativa plural com relatos inspirados em lendas urbanas, biografias, acontecimentos históricos e memórias coletivas.

Mesmo quem não gosta do macabro certamente será cativado pelo entusiasmo contagiante da escritora, nesse livro altamente original, como escreveu o *Financial Times*.



Autora fundamental da literatura de terror do século XXI, a jornalista e professora, nessa obra ambientada em 24 cemitérios espalhados pelo mundo, mergulha em seu universo literário e mostra que seu entusiasmo pelo macabro é expresso em prosa efervescente, como disse o *The Economist*.

e palavras...

GRE-NAIS E CIA

Pensando bem, o Brasil e o RS poderiam ser menos grenalizados, mais unidos. Ao menos na política, na economia e no social. A gente fica aqui peleando entre nós e os de fora ficam se beneficiando. No futebol é meio difícil o fim da grenalização, mas, nessa pindaíba federal que andamos, camisa azul e vermelha, um time só, um estádio e um dirigente seria mais barato, e aí os “corrimãos” gaúchos unidos brigariam com os castelhanos, os de outros estados brasileiros e com os estrangeiros. Sonho louco, sei, mas pensei aí. Vou parar com esse papo que, senão, acabam me internando.

Nos Gre-Nais o Inter supera, com 166 vitórias. O ilustre “corrimão” tem 144 e empates são 144. Estatística favorável ao Inter, que tem muito a agradecer pela parceria do imortal mosqueteiro com sua elegante peninha. O Tricolor sempre valorizou, valoriza e valorizará nossas vitórias, mesmo contando por vezes com aqueles juizes azuis que dão uma forcinha. Obrigado, parceiro, por tudo, desculpe qualquer coisa. Ou muita coisa. Amigo oponente, tu nos inspira a novos feitos relevantes.

Meus primeiros Gre-Nais foram nos Eucaliptos. Ia a pé da Felipe Camarão, no Bom Fim Colorado, até lá. Carlos Gainete Filho, o Gainete, trocava “gentilezas” com o Alcindo. Ortunho na lateral esquerda era “meio” limitado, mas alto, forte e viril, dava uns encontrões e umas levantadas no Sapiranga, do Inter, que era magrinho, rápido e driblador na ponta.

Um dia a torcida vaiou o Gainete. Ele se estressou, foi até o alambrado e queria pular, para sair no braço, so-

zinho, contra a torcida toda. Ainda bem que o acalmaram, senão teríamos dezenas de torcedores no departamento médico.

Naqueles tempos queriam que Valdomiro fosse de volta para Criciúma. O técnico gordinho Daltro Menezes insistiu e o Valdôma foi o único imprescindível do Inter e o que mais colaborou.

No Beira-Rio, estádio mais lindo do mundo, templo sagrado da maior torcida do RS, os Gre-Nais passaram a ser de terno e gravata e o parceiro tricolor sempre foi bem recebido pelo Inter, o campeão de tudo, o único campeão nacional invicto depois de 1971. No Beira-Rio tem uma taça mundial de verdade, que todos podem apreciar, de graça, que o Inter é democrático, plural e generoso, sempre dividindo seus feitos com todos.

O Inter não tem apenas um passado pela frente. Cabe lembrar dois fatos marcantes do passado de glórias.

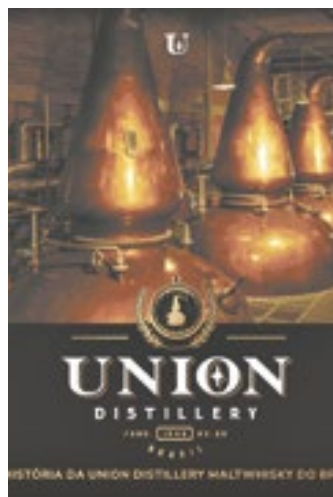
No Gre-Nal 55, em 1938, Taça Martel, o Inter fez onze gols. O juiz Alvaro Silveira anulou 5. O presidente Meneghetti do Inter reclamou. O juiz disse “onze gols são demais para um Gre-Nal”. A coisa já existia. Placar oficial ficou só nos 6 a 0, mas na memória afetiva e carinhosa o jogo sempre será o Gre-Nal dos 11 a 0.

Em 1956 o Inter, que já tinha pinta de seleção, foi a Seleção Brasileira. Oito jogadores do Inter vestindo a canarinho ganharam o Panamericano, no México, liderados por Teté, grande técnico colorado. Dos 14 gols da seleção, 12 foram de atletas do Inter. Odorico, Chinesinho, Oréco, Larry, Bodinho, Florindo e Luizinho brilharam.

Lançamentos



► **A festa** (Arquipélago Editorial, 296 pág, R\$ 89,90), romance clássico moderno, *best-seller* do consagrado jornalista e escritor Ivan Angelo, em edição especial de 50 anos, traz a inovadora narrativa fragmentada sobre uma Festa em BH em 1970, com muitos personagens cujas vidas se entrelaçam com o passado, o presente e o futuro do Brasil. Obra seminal, essencial para tentar entender o Brasil que temos atualmente.



► **Union Distillery** (Legado, 170 pág, R\$ 120,00) traz a vitoriosa história da pioneira Union Distillery Maltwhisky do Brasil (1948), entrelaçada na imigração italiana no RS. Saberes centenários, inovação, persistência, trabalho e afeto marcam a trajetória dos sócios Marcello Borsato, Lidio Ziero e Luciano Borsato. Belíssimas fotos em cores, ilustrações e a evolução da logomarca estão na obra que mostra o sonho engarrafado realizado.



► **Mais 10 (quase) amores ou: eu seria romântica se não fosse o mundo** (L&PM Editores, 136 pág, R\$ 59,90), novo livro da publicitária e escritora Cláudia Tajés, tem novas histórias de Maria Ana, personagem de *Dez (quase) amores* (2000). Antes balzáca, agora quase cinquentona, segue se atrapalhando, mas agora com etarismo, objetificação feminina, sobrecarga de trabalho, crise no jornalismo e charlatanismo nas redes sociais.

A propósito

Muitas lembranças boas temos dos Gre-Nais, dessa cidade simpática de dois campeões do mundo, mas, recordando as décadas recentes, nós, colorados, temos que fazer justo e grande agradecimento e merecida homenagem ao torcedores do Grêmio pelo temor reverencial, respeito e admiração que sempre tiveram com *El Gran Capitán* Andrés D'Alessandro,

que dava um *upgrade* geral nos jogos e oferecia a todos os torcedores ótimos espetáculos, auxiliando nas orientações técnicas, no comando do time, como jogador e contribuindo, com sugestões fundamentadas, para boas arbitragens. Gre-Nal é Gre-Nal, disse Ildo Meneghetti. Falei e disse, fui. Saudações esportivas. Gracias. (Jaime Cimenti)

sangue novo

Aleph Brasil ata nós em primeiro EP

Joana Luna Camargo

“São folhas voando no sertão do Nordeste, vento meio quente, meio morno.” *Ao Som*, canção que abre *Atar os Nós*, primeiro EP solo de Aleph Brasil, nasceu dessa paisagem, durante uma temporada na região. As cinco faixas chegam às plataformas digitais nesta sexta-feira e ganham show de lançamento no sábado, às 19h, na Casa das Artes Villa Mimosa (Guilherme Schell, 6.270 - Canoas), com entrada franca e abertura de Paulo Freitas e Xico Chagas. “Divido o palco com duas pessoas importantíssimas na produção desse trabalho”, diz.

Nascido em Esteio e criado em Canoas, Aleph começou a tocar por volta dos 15 anos, inspira-

do pelos músicos que via entre os shows e bares da cidade. Já tinha arriscado violão e bateria na infância, mas só levou a música a sério quando deixou de lado o sonho de ser skatista e passou a estudar violão e piano, ainda voltado ao rock psicodélico - caminho que o levou às bandas Vá e Fungo Preto, onde toca até hoje.

O rumo mudou no início da pandemia, quando se mudou com a família para Caruaru, em Pernambuco, e depois para Mació, em Alagoas - período que descreve como obscuro, marcado por isolamento, ansiedade e questões de saúde mental, mas inspirador. Através da internet, passou a acompanhar uma geração de compositores da região, como Bruno Berle, Nyron Higor,



Representando a nova geração de músicos de Canoas, Aleph Brasil lança seu primeiro EP solo, *Atar os Nós*

Batata Boy e João Menezes, bem diferentes do rock já conhecido das terras gaúchas. “Eles possuem algo genuíno que eu admiro muito”, relembra. A influência aparece menos na sonoridade e mais no espírito das canções, com uma sensibilidade que remete à sua origem na igreja. A primeira faixa, por exemplo, é pensada por ele como “um louvor, meio um mantra de gratidão”.

Atar os Nós marca a primeira experiência de Aleph como produtor, função que divide com Paulo Freitas, igualmente estreante no posto, e com Andreas Solrák, responsável pela gravação, mixagem

e masterização no Estúdio Caixote, em Canoas. Apesar de todos opinarem de “peito aberto”, a palavra final na gravação e na produção, segundo Paulo, sempre foi do dono do disco. A formação de voz, violão, guitarra, baixo e bateria somaram-se violino, piano, teclado e trompete, por influência de nomes como Andy Shauf, Fleet Foxes e Tim Bernardes.

O compacto ainda reflete toda uma turma contemporânea de novos artistas de Canoas. Aleph e Paulo se conheceram justamente na Villa Mimosa, onde iam praticar piano, e descobriram o gosto em comum pela MPB, parceria

que levou Paulo ao baixo da Vá. O Caixote, fundado em 2020 no bairro São Luís, virou ponto de encontro de bandas recém formadas da cidade, e a artista visual Sarah Escanhuela assina as fotos e artes do trabalho.

O EP foi financiado pelo Edital nº 172/2024 da Prefeitura de Canoas, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc. Uma turnê de divulgação, já em fase de trâmites pela mesma política, deve levar o trabalho à Região Metropolitana de Porto Alegre e a municípios de Santa Catarina - passos que Aleph vê como parte de uma meta maior: viver de música.

Qual é a boa?

Se é de dicas culturais que você precisa, a procura acabou! Toda semana, a redação do JC traz sugestões para curtir o final de semana com muita arte e entretenimento. Música, literatura, artesanato, cinema, exposições - em nossas páginas, tudo que é cultura sempre encontra seu lugar



Quer um programa diferente para este sábado? A dica é conferir a Feira 60+, na Casa de Cultura Mario Quintana, das 10h às 17h. Vai ter muita coisa legal feita por mulheres com mais de 60 anos que não pararam de criar, empreender e inventar novos caminhos. Além de produtos e serviços para conhecer, a programação também tem oficina de *tarot* a partir das 14h, para quem está a fim de olhar para dentro e descobrir o que pode estar atrapalhando a chegada do novo. Às 16h, rola uma conversa com o Mover - Movimento da Velhara Rebelde sobre envelhecer, longevidade e outras formas de viver essa fase. Se chover, a feira fica para 10 de outubro.

Cristine Pires, editora-assistente de Economia



Embora esteja com datas marcadas para o Brasil neste mês de outubro, desta vez o Iron Maiden não vai passar por Porto Alegre. O que não significa que os fãs da Donzela precisem ficar de mãos abanando: nesta sexta-feira, o Auditório Araújo Viana recebe o show *Iron Maiden Symphonic*, que reúne o grupo The Beast Experience (uma das mais conceituadas bandas tributo ao grupo britânico) a um orquestra, revisitando clássicos como *Fear of the Dark* e incluindo surpresas como *Empire of the Clouds* e *To Tame a Land*. O show terá participações especiais dos vocalistas Edu Falaschi e Bruno Sutter - em resumo, um verdadeiro deleite para os fãs gaúchos de heavy metal.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC



Nesta sexta-feira, a partir das 18h, Frank Jorge e Hibizco sobem ao palco da quinta edição do Porto da Música, que acontece na Esplanada do Teatro Renascença. Frank Jorge, ícone do rock gaúcho, ex integrante dos Cascavelletes, Cowboys Espirituais e Graforrêia Xilarmônica, autor de hinos como *Amigo Punk*, divide a noite com a nova geração da cena alternativa porto-alegrense, representada pela banda Hibisco. A banda formada em 2018 traz uma sonoridade que mistura pop, rock, indie, emo e referências da música brasileira. Além do som ao vivo, a DJ Mely Paredes preparou um set que abre e encerra o evento. Entrada gratuita.

Joana Luna Camargo, repórter do JC



Em clima de Halloween, o Shopping Lindóia recebe o *Túnel do Terror e Escape Room - O Medo Voltou*. A atração conta com seis ambientes temáticos aterrorizantes, como necrotério e açougue macabro, repletos de efeitos sonoros, iluminação especial e atores caracterizados, prontos para assustar quem se aventurar pelos corredores. Além do percurso principal, o evento tem sessões de Escape Room, onde os participantes devem desvendar enigmas. O trabalho em equipe e a atenção às pistas são fundamentais para conseguir escapar. O Túnel do Terror e Escape Room funciona de terças a domingos. Ingressos à venda na plataforma Sympla.

Luciane Medeiros, editora de Opinião